



Son palabras

Que histórias contam esses livros?

Maria Ivonete Santos Silva

Universidad Federal de Uberlândia, Brasil

Resumo

El objetivo deste ensaio é problematizar algumas questões relacionadas à produção do livro na contemporaneidade. Alguns conceitos, bem como algumas considerações críticas a respeito do tema serão retomadas, com vistas a subsidiar a análise de alguns fragmentos de textos contidos no *GibiliteroVizuaú*, de Alcides Mello, selecionado como *corpus* da presente investigação.

Palavras chave

Libro, contemporaneidade, outras produções, outras incorporações.



Fotografía de Rafael Mesina Polanco.

¿Qué historias cuentan esos libros?

Resumen

El objetivo de este ensayo es problematizar algunas cuestiones que se relacionan a la producción del libro en la contemporaneidad. Algunos conceptos así como algunas consideraciones críticas respecto al tema se retoman, y tienen como propósito subsidiar el análisis de algunos fragmentos de textos presentes en el *GibiliteroVizuau*, de Alcides Mello, seleccionados como *corpus* de la presente investigación. La idea es hacer que el lector se sienta instigado a reflexionar acerca de las actuales e infinitas posibilidades del libro en la actualidad.

Palabras clave

Libro, contemporaneidad, otras producciones, otras incorporaciones.

*Avec l'art contemporain, le public est appelé à adopter une attitude active.
C'est par son regard et sa réflexion critique
qu'il donnera vie à l'idée de l'artiste et en fera une oeuvre.*

Isabelle de Maison Rouge, Jean-Marc Prévost
e Lionel Salem (2006)

Para a elaboração deste ensaio, eu selecionei o trabalho de Alcides Mello, autor desconhecido do público leitor acostumado com o texto impresso e com as formas tradicionais de apresentação do *livro*, mas que já conta com a publicação de nove livros digitais, todos disponibilizados no myebook.com desde 2010, além de uma infinidade de leitores e seguidores das suas páginas eletrônicas e de outros recursos oferecidos pelas mídias sociais. Esses nove livros, ilustrados —e que na forma eletrônica vêm sempre acompanhados de fundo musical—, encontram-se também reunidos em um volume impresso que Alcides Mello chama de *GibiliteroVizuau*. Aqui, o objetivo da minha abordagem é apenas suscitar uma reflexão mais ampla sobre o caráter experimental desse tipo de produção, tentando estabelecer algumas *pontes* com as discussões que hoje visam melhor compreender a relação “texto literário e mídia digital”. A ideia é analisar alguns fragmentos dos livros de Alcides Mello para, finalmente, tentar identificar as especificidades e o alcance das suas produções narrativas, nesse contexto onde se procura separar o *joio do trigo*, ou em outras palavras, o *literário* do *não literário*.

As “histórias” do *GibiliteroVizuau* de Alcides Mello são contadas por imagens e por narradores/personagens¹ que registram suas percepções/sensações de diferentes mundos e de diferentes ângulos, desafiando o senso-comum e virando pelo avesso o conceito do que seria “uma história bem contada (!)”. Desde o início, essas histórias sugerem uma ordem absurda dos acontecimentos narrados, enquanto o *non-sense* dá o *tom* dos possíveis sentidos

¹ Em algumas *histórias* do *GibiliteroVizuau* os narradores/personagens são animais que falam; são dotados de um extraordinário poder para articular ideias, pensamentos, elaborar projetos e, por isso mesmo, a sua posição em relação às demais personagens é sempre de comando e de uma indiscutível superioridade.



a serem atribuídos às suas tramas narrativas. A linguagem, saturada de referências a seres e lugares atávicos, põe à mostra uma tendência à recuperação de imagens fantasmagóricas e também de vozes desconexas que, ora remontam a discursos proféticos, às adivinhações ou às premonições de eventos fatídicos —lembrando, em alguns momentos, as *estruturas formulares* das narrativas primordiais de nos falam Robert Scholles e Robert Kellogg, em seu livro *a Natureza da Narrativa* (1977)—, ora tratam de abordar o cotidiano dos homens comuns, tão insensatos quantos os personagens aos quais Alcides Melo se reporta em seus livros. O leitor, tomado pela profusão de palavras, sons, cores e imagens que conduzem os sentidos aos labirínticos caminhos da imaginação —e também da indignação (?!)—, se pergunta: Isso é um livro? Isso é literatura? Se for literatura, quais são as histórias que esses livros contam? Quem são os seus personagens? Como se escreve esses livros? Por que, para quê e para quem?

Pensando na perplexidade e no arrebatamento desse leitor, ainda que de forma breve, achei por bem retomar algumas considerações sobre o *livro*, antes mesmo de falar das histórias mirabolantes do *GibiliteroVizuaú*. Destaco duas citações: na primeira, Jorge Luiz Borges, no volume IV das suas *Obras Completas*, em Oral (O Livro), escreveu:

O que é um livro, se não o abrimos? É simplesmente um cubo de papel e couro, com folhas. Mas se o lemos algo inusitado acontece, creio que ele muda a cada vez. Heráclito disse (já repeti isto em demasia) que ninguém entra duas vezes no mesmo rio. Ninguém entra duas vezes no mesmo rio porque suas águas mudam. O mais terrível, porém, é que nós não somos menos fluidos que o rio. Cada vez que lemos um livro, o livro mudou, a conotação das palavras é outra. Ademais, os livros estão impregnados de passado (Borges, 1998-1999: 176).

Na segunda, Gilles Deleuze e Félix Guattari em *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, Vol. 1, comentam:

Num livro, como em qualquer coisa, há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação

[...] Não se perguntará nunca o que um livro quer dizer, significado ou significante, não se buscará nada compreender num livro, perguntar-se-á com o que ele funciona, em conexão com o que ele faz ou não passar intensidades, em que multiplicidades ele introduz e metamorfoseia a sua, com que corpos sem órgãos ele faz convergir o seu. O livro só existe pelo fora e no fora (Deleuze e Guattari, 1995: 11-12).

Se na primeira citação Borges deixa clara a importância do *livro* e o caráter mutável de seu conteúdo, na segunda, ao nos remeter aos conceitos de *desterritorialização* e *desestratificação*, Deleuze e Guattari problematizam e redimensionam as perspectivas da leitura, sobretudo da leitura do texto literário contemporâneo que admite, como prática discursiva, a experimentação. E ainda, nas duas citações encontramos inextrincavelmente associadas às ideias daquilo que pode um livro, reflexões acerca daquilo que pode o leitor, considerando que, como bem assinalam os críticos franceses, “*O livro só existe pelo fora e no fora*”. No caso, esse fora —e não é nem preciso muito especular—, conta com a figura do leitor, responsável direto pela captação das infinitas multiplicidades de sentidos e de imagens inerentes ao *livro* e a ele próprio.

Sobre o *GibiliteroVizuau*

Desde uma primeira abordagem não se atribui ao *GibiliteroVizuau*, de Alcides Mello, um conceito de *texto literário* no sentido consagrado pela tradição. Muito pelo contrário. O próprio autor dá algumas pistas quando insere como subtítulo de seus livros uma espécie de rótulo: “Literatura de baratos/Texto curtição”. Durante uma conferência na Universidade Federal de Uberlândia, o autor, instigado a explicar o que *isto* significa (Literatura de baratos/Texto curtição), disse que seus livros têm por finalidade levar as pessoas ao riso, à curtição de histórias *sem pé e nem cabeça*, ao tempo em que propõem um divertido jogo de palavras, sons e imagens que resultam no rompimento da lógica formal, levando-as, em consequência, ao deleite e ao delírio no incomensurável mundo dos impossíveis.



Analisando a estrutura narrativa dessas histórias, percebe-se que o jogo ao qual se refere Alcides Mello, articula “criação/imaginação/inventividade”, por um lado, e, por outro, “repetição/reprodução/cópia” do *já dito, já escrito*, ou de alguma forma *já mostrado*. Observa-se que, a constituição de personagens estranhas que vivem experiências inusitadas, somadas à criação de palavras, cuja sonoridade e significados respondem pelo assombro do leitor diante da mais absoluta falta de sentido das histórias narradas é compensada pelo aparecimento de frases feitas, provérbios, clichês que acabam aproximando o leitor das tais experiências narradas, mesmo sendo elas absurdas. A título de ilustração, veja o que diz o narrador-personagem de *Os bebês de Irva Fusgô*, um dos livros do GibiiteroVizuaú:

(O Repórter)

Comenta-se por aqui que as águas turvas dos pântanos afogam crianças pagãs, ainda engatinhando, usando vozes uivantes e areias movediças para enfeitiçar e arrastar tudo, inclusive, as lembranças dos dias, dos séculos e eras em que Irva Fusgô permaneceu enlaçada em seu cordão umbilical e desacordada entre as ferragens de um navio torpedeado.

Em seguida outro narrador comenta:

Nisso, um vulto imbecil cambaleia até um ponto de ônibus e, sem papas na língua, rasga o verbo a estudantes e desempregados que aguardam calados, condução para fazerem um *tour* pelo purgatório.

A começar pelo próprio *formato*, o GibiiteroVizuaú evidencia a intenção declarada pelo autor: instigar o leitor a *curtir a literatura que é de baratos*. Este é o pacto que Alcides Mello trata de estabelecer com leitores e/ou seguidores das suas páginas eletrônicas; um pacto que não é autobiográfico, parafraseando o título do livro de Philippe Lejeune (2008), mas é ficcional, na medida em que não há nenhum compromisso da sua parte, tampouco da parte dos narradores-personagens, com o estabelecimento de verdades convencionadas e aceitas no chamado mundo real. As histórias, também não estabelecem conexões

objetivas com outras histórias narradas, haja vista, a todo o momento, suscitarem uma *lógica* tão absurda e insensata quanto os acontecimentos narrados, como já foi dito anteriormente.

E que histórias contam esses livros?

Abrindo o GibilietroVizuzu o leitor logo se depara com um índice que traz uma espécie de resumo das histórias de cada um dos nove livros. Na primeira página, a primeira sílaba da palavra *ind*, relaciona os livros *Os bebês de Irva Fusgô*, *bananas dinamite*, *damurabi* e *caçuada*; na segunda página, a segunda sílaba *ice*, apresenta o resumo dos livros *Adhishabebe*, *mamageroma*, *zoo-lógico dos animais animados* e *Alfabetário*, *emboletório*, *cordelírico*. Essa disposição do índice acompanhada dos resumos, além de antecipar o enredo das histórias que cada um dos livros conta com riqueza de detalhes, por si só, significa um convite a um tipo de leitura em que o lúdico determina suas regras. Para ilustrar essas particularidades do índice e para responder a pergunta *Que "histórias" contam esses livros?*, veja alguns exemplos:

Primeira página *ind*

Os bebês de Irva Fusgô

Um repórter alemão assiste de binóculo, perplexo, em alto mar, o afundamento de um navio torpedeado. Quando, de repente, dá de cara com um vulto imbecil que fala bobagens, a troco de nada, ao ponto de convencê-lo a passear por lugares inusitados do purgatório, conhecendo pessoas e fatos, como Irva Fusgô e seus filhos, que nunca existiram e sequer sabiam *com quantos paus se faz uma cangalha*.

Bananas dinamite

Estória de um homem avermelhado que, pintado de vitiligo e surtado de pânico, que se imagina perseguido por macacos e saguins na selva amazônica peruana e que bebe um xarope azul para desaparecer do mapa, ludibriando a tudo e a todos em uma estação de metrô em Varsóvia. Só não engana seus pais, já falecidos, que o ajudam— nos planos sutis —a perder essa mania de perseguição e a não detonar um colete de bananas maçãs, nanicas e da terra, preso a sua cintura.

*Caçada*

Andreza é uma loura banguela, de peruca e unhas e cílios postiços, que vive de vestido longo, vermelho, atazanando a vida de taxistas encarnados na cidade de São Paulo. Deu no rádio que sua vítima mais recente foi o taxista André Fizco e seu psiquiatra, Dr. Bráulio Fragoso, que acabaram *pirando* com suas estripulias espirituais. Ela manda e desmanda no pedaço entre a Av. Paulista e o Aeroporto de Congonhas e é sempre vista às gargalhadas, de madrugada, entre 3 e 4 da manhã, rindo a toa, de suas presas. Quem rir por último, rir melhor!

Alfabetário, embolatório, cordelírico

Livreto de cordel, que brinca com as letras de nosso alfabeto, embolando nomes, pragas, doenças, virtudes, capitais de estados emocionais, países, apetrechos, catástrofes, ideias e tudo que for possível imaginar. Mais de 500 palavras bendizendo as letras do nosso alfabeto. Ou melhor, do nosso alfabetário, embolatório, cordelírico.

Algumas histórias se passam em espaços urbanos. As grandes cidades aparecem como pano de fundo onde se desenrolam ações comandadas por seres que são uma mescla de animais microscópicos, lavas e crustáceos aludindo a um estado *primevo* da Natureza. As personagens, no caso, os animais-personagens, pensam, falam, estão sempre na posição de dominadores e, por isso mesmo, se articulam na construção/desconstrução de mundos para, em seguida, reconstruir novos mundos habitados ou desabitados por outros seres disformes. Ao final das histórias, os animais-personagens se dissipam, assim como se dissipam as realidades criadas por eles, sugerindo a possibilidade de uma súbita reparação das espécies em qualquer parte do universo.

Adhishabeba, mamageroma e zoológico dos animais animados, oferecem exemplos de histórias que utilizam como cenário, espaços geográficos esquecidos das civilizações: os pântanos, os manguezais, o astral, os lugares ermos. Já no *Alfabetário, embolatório, cordelírico*, o jogo é buscar os possíveis sentidos a serem atribuídos às palavras. O narrador coloca algumas possibilidades bem no estilo dos livros de cordel:

Com “A” eu digo alçapão,
assalto, abade, abafado [...]

Com “B” eu digo botina,
botija, barulho, barbeiro [...]

Com “H” eu digo Helena,
horário, horta, homilia,
herança, homofobia.

Se bem assimiladas, as colocações da crítica que hoje discute a produção literária contemporânea, textos como os de Alcides Mello e de outros autores que se lançam aos tortuosos caminhos da experimentação devem, indiscutivelmente, ser abordados de forma aberta, sem reserva e sem os ranços dos tradicionalismos, tendo em vista o contexto atual, em que produção e recepção de qualquer coisa, e não apenas do livro, sofre a influência do mundo digital. Quanto ao leitor, este compartilha com o autor a construção das tramas narrativas que se articulam para, em linguagem adequada aos tempos atuais, produzir ou conduzir ações, tensões, suscitar intuições acerca de temas variados, inclusive daqueles *sem-pé e sem-cabeça*, encontrados nos livros do GibiliteroVizuaú, de Alcides Mello.



Considerações finais

Além de tudo que já foi dito, chamo a atenção para uma palavra-chave nas discussões que envolvem a produção do texto literário contemporâneo: *experimentação*. É sabido que, desde o final do século XIX, com os movimentos de vanguarda e, na sequência, com o surgimento das correntes críticas do início do século XX, essa palavra vem provocando inúmeros debates, haja vista a amplitude e a complexidade de muitas proposições que surgiram (e que continuam surgindo) atreladas a ela, como por exemplo, a própria discussão acerca do *literário* e do *não literário*. Em suma, o termo *experimentação*, pelo seu caráter aberto, flexivo e sujeito a deslocamentos, sempre possibilitou muitos questionamentos acerca do tema *literário e não literário*, sem que haja uma expectativa de conclusões definitivas. Nesse sentido, e considerando a influência que a mídia digital hoje exerce sobre os meios de produção do *livro* é que eu também considero em aberto esse debate, tendo em vista que, o grande desafio a ser enfrentado pelos autores na contemporaneidade é encontrar um meio de expressão capaz de envolver sensível e afetivamente leitores/espectadores das cenas ou das imagens do mundo concreto ou virtual.

Referências consultadas

- Barthes, R. (2004). O efeito de real. In: *O rumor da língua* (pp. 181-190). 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Benjamin, W. (1987). O narrador. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (pp. 197-221). São Paulo: Brasiliense.
- Borges, J.L. (1998-1999). Oral (O Livro). In: *Obras Completas de Jorge Luis Borges* (pp. 196-197). Vários tradutores. São Paulo: Globo.
- Chartier, R. (2011). *A força das representações: história e ficção*. Chapecó: Argos.
- Deleuze, G. e Guattari, F. (1995). Introdução: Rizoma. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. Trad. Aurélio Guerra neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro.
- Ginzburg, C. (2007). *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Iser, W. (1996). *O fictício e o imaginário*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Lejeune, P. (2008). Autobiografia e ficção. In: *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet* (pp. 103-109). Belo Horizonte: Ed. UFMG.

- Moreira, M.E.R. (2007). *Saber narrativo: proposta para uma leitura de Italo Calvino*. Belo Horizonte: Tradição Planalto.
- Nunes, B. (1998) Narrativa histórica e narrativa ficcional. In: Riedel, Dirce C. (org), *Narrativa: ficção e história* (pp. 9-35). Rio de Janeiro: Imago.
- Rouge, I de M.; Prevost, Jean-Marc e Salem, Lionel (2006). *L'art contemporain*. Paris: Éditions Milán.
- Tezza, C. (2008). *Literatura e biografia*. Conferência XI Congresso Internacional da ABRALIC. Tessituras, interações, convergências. São Paulo, USP.
- Santiago, S. (2002). O narrador pós-moderno. In: *Nas malhas da letra* (pp. 44-60). Rio de Janeiro: Rocco.
- Souza, E.M. de (2002). *Crítica cult*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- Scholes, R. e Kellogg, R. (1997). A herança clássica na narrativa moderna. In: *A natureza da narrativa* (pp. 39-56). São Paulo: McGraw-Hill do Brasil.
- Wood, J. (2011). *Como funciona a ficção*. São Paulo: Cosac Naif.

Recepción: Mayo 15 de 2016

Aceptación: Julio 22 de 2016

Maria Ivonete Santos Silva

Correio eletrônico: missilva@ufu.br

Brasileira. Doutora em teoria literária pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP/SP), com pós-doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais (poslit-UFMG); professora do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (UFU-MG), atuando na graduação como professora de literatura latina clássica desde 1993 e no programa de mestrado em teoria literária ministrando disciplinas da área de teoria e crítica literárias.



Fotografía de Rafael Mesina Polanco.